

Discurso literário e edição de texto: *Naceo e Amperidónia*

Maria Paula Lago

Bolseira Praxis XXI

Aida Sampaio

Universidade do Minho

Bolseira Praxis XXI

A edição de *Naceo e Amperidónia* que ora se apresenta colocou questões específicas ligadas quer às particularidades do discurso conformado, quer aos destinatários da edição e objectivos pretendidos com a sua realização.

De facto, a edição pretende, em primeiro lugar e de acordo com a colecção de Clássicos da Literatura Portuguesa em que se insere, divulgar junto do público em geral uma novela epistolar do século XVI singular no quadro da literatura da época; tornou-se assim imperativa uma edição de tipo modernizador que, para além de permitir uma fácil leitura a um público não especializado, não dificultasse o estudo da obra por alunos de grau intermédio ou superior.

No entanto, dado tratar-se de um texto literário em que a construção da significação se encontra estritamente vinculada a retóricas específicas da temática, do género e da época em questão, a novela coloca ainda dificuldades de leitura a qualquer dos destinatários em questão; tornou-se assim necessário fazer acompanhar a edição de uma análise da produção discursiva na sua globalidade, sendo ainda introduzidas notas crítico-interpretativas, quer linguísticas, quer literárias, nomeadamente no que concerne à apresentação de termos arcaicos conexos com os ambientes e sentimentos que se constituem como enquadramento tópico ou da eventual significação de sequências discursivas a eles particularmente ligadas.

Por outro lado, considerando que se trata de um texto datado do século XVI do qual se dispõe apenas de uma edição paradiplomática (David Hook), com breve descrição paleográfica do códice, e de uma outra denominada "regularizadora e interpretativa" (Luiz Fagundes Duarte), considerámos pertinente a realização de uma edição crítico-interpretativa que, tomando como ponto de partida o único manuscrito conhecido que se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa no códice miscelado 11.353 e recorrendo às duas edições referidas, configurasse novas propostas de resolução de questões linguísticas e estilísticas fundamentais, para além de uma credível contextualização do discurso original.

Considerados tais requisitos e uma vez que a extensão do texto não o inviabilizava na prática, optámos então por proceder à realização de duas edições paralelas,

norteadas por critérios e objectivos distintos: uma edição “conservadora”, preservando a identidade linguística do texto e permitindo assim posterior estudo nesse domínio, e uma outra, “modernizadora”, com os objectivos já assinalados.

Tomada esta opção, restava ainda resolver as questões ligadas ao glossário e às notas, dado que seguramente algumas de entre elas suscitariam remissão para uma das edições, ainda que incorporadas na outra; a mesma questão se colocava relativamente aos dados introdutórios, relativos a uma delas mas eventualmente conexos com outras opções de edição.

Assim, a introdução foi dividida em duas secções, constando da primeira, com perspectiva eminentemente literária, para além dos dados identificadores da obra e do género, uma breve análise da organização do discurso, destinada a facilitar a compreensão quer a uns, quer a outros dos leitores acima definidos.

A análise do conteúdo do códice conduziu à conclusão de que este funcionaria como uma colecção de modelos essencial à vida de corte (já que contém diversos espécimes de cartas, obituários, textos dramáticos e líricos, para além de uma cópia de *Menina e Moça*); sendo esta uma compilação de textos exemplares, a novela seria também exemplar, não só na sua vertente ideológica, mas também e sobretudo na medida em que cumpriria a função de apresentar modelos da arte epistolar e do seu paralelo no campo da oralidade, nomeadamente no que se refere ao comportamento amoroso verbal. Estes modelos, conjuntamente com os da vertente mais especificamente literária – a arte de trovar – também presentes na novela, resumem as qualidades verbais necessárias ao cortesão, a eloquência de um modelo ciceroniano como o de Bembo que se configura como a arte de corte por excelência.

A estrutura dialógica da sequência das cartas e dos dois momentos de diálogo *in praesentia* reproduzem para além disso um modelo de inquirição humanista, o simulacro dialógico que instrui e prepara para a confrontação real – neste caso, a que se refere à problemática e comportamento amorosos. Assim sendo, estar-se-ia na presença de um diálogo entendido como género literário, o diálogo de tipo socrático conducente ao debate de tipo cognitivo.

A singular organização do discurso mereceu comentário de destaque. O título (atribuído por Hook) não consta do manuscrito, encontrando-se os segmentos discursivos que assinalaremos sem separação ou indicação especial, à excepção do terceiro que se encontra titulado como “prólogo”. Assim a obra apresenta uma sequência de abertura metadiscursiva tripartida, com evidência de marcadores do universo do discurso da “história”, isto para além de um outro segmento, na narrativa propriamente dita que é assinalada com o título “Começa a história”; este último reproduz os marcadores assinalados, em dimensão ficcional. Curiosamente, o primeiro dos segmentos corresponde também a uma elaboração de tipo ficcional – assumida como verdadeira tal como o prólogo afirma em relação à narrativa. Assim os segmentos discursivos instituem como argumento a semelhança da ficção com a realidade, planificando ainda a interacção com o destinatário do discurso literário: as letras substituem a actividade guerreira, a novela é um tesouro e um objecto de

corde, o cortesão deve dominar o *fazer* e o *dizer*, já que *verba* e *res* são indissociáveis, no amor como em qualquer outro domínio.

A sequência de desenvolvimento, ou que poderia chamar-se o corpo da novela, apresenta um esquema iterativo linear, no qual o comentário do narrador, numa perspectiva eminentemente masculina concordante com os argumentos de Naceo, raramente foca estados de espírito ou raciocínios de Amperidónia; quanto às personagens, Naceo estabelece estratégias – verbais – de conquista de Amperidónia, cabendo a estas tentativas paralelas, também verbais, de defesa. Para além das cartas e dos referidos comentários narrativos, a novela apresenta dois diálogos e alguns exemplares em verso (cantigas, trovas) cumprindo estes, como se verá, uma função semelhante à das cartas.

As modalidades textuais presentes na novela (excursos de responsabilidade de um narrador, cartas, textos em verso e diálogos) configuram assim um discurso que oscila entre o pendor tratadístico configurado pelas reflexões monológicas do narrador – não obstante a virtualidade dialógica que lhe é reconhecida – e uma estrutura claramente dialógica (a das missivas trocadas pelos amorosos) que, ainda que submetida a uma notória formalização, não se encontrará porventura muito distante da oralidade altamente formalizada que seria de esperar no contexto de corte já indiciado. A verbalização lírica do desencanto e da paixão, como é o caso da cantiga inserida numa das cartas de Naceo pedindo novo encontro, funciona como argumento da própria missiva, equiparando-se-lhe em termos discursivos, tanto mais que, noutros pontos da obra, os excertos líricos substituem as cartas de Naceo, obtendo de igual modo uma resposta de Amperidónia.

O diálogo propriamente dito, ficcionalmente *in praesentia*, mereceu particular atenção, não apenas pelas marcas evidentes da modalidade textual respectiva, mas também e sobretudo pela sua extraordinária conformidade com a mimese a que não obsta a ainda relativa formalização observável; tal confere-lhe sem dúvida uma dimensão dramática mais notória que nas outras modalidades textuais patentes no excerto. Neste particular, não pode deixar de destacar-se a grande semelhança com uma situação de oralidade, marcada inicialmente pela utilização de uma expressão de tipo coloquial e decorrente da clara delimitação de turnos de fala e respectivas intervenções com movimentos constitutivos, de enlace projectivo e retroactivo; conducente à classificação como diálogo, deve igualmente assinalar-se a emergência de virtudes noéticas já que se centra numa clara unidade temática atinente a comportamentos aceitáveis ou inaceitáveis do relacionamento amoroso, denotando por isso e concomitantemente uma intenção teleológica e retroactiva a que não é alheia a dimensão combate verbal claramente presente.

A fala final de Amperidónia, como remate do último diálogo, assinala a inconclusão da disputa verbal, inferida a partir da afirmação “[...] primeiro que se determine vos tornarei a falar para vêremos como será melhor”; o mesmo se passa relativamente à última carta, também de Amperidónia com o fecho “[...] fezei perequi o caminho, e eu terei escrito ou vos direi de palavra como há-de ser”. A inconclusão

da disputa verbal confirma as asserções acima expostas enquanto marca definitiva de um espécime de diálogo como o apresentado. A sequência de fecho é portanto indistinta do restante discurso, plausivelmente apresentando assinalando o modelo, necessariamente inconcluso, da disputa amorosa e da própria inquirição de tipo humanista. O modelo corresponde a outras obras do género, nomeadamente no âmbito peninsular, assinalando-se na primeira secção introdutória essas e outras semelhanças. A dialéctica de contrários é aliás uma constante da literatura amorosa da época, quer tal surja numa dimensão dialógica subjacente às diversas leis a que estão sujeitos os amorosos, quer em diálogo intertextual com outras obras (como no caso de *Grimalte y Gradissa*), quer ainda, explicitamente, em obras como *Naceo e Amperidónia* ou *Questión de Amor*; esta última comete mesmo ao leitor a tarefa de continuar o debate inconcluso, de acordo com uma manifesta intenção didáctica.

Na segunda secção introdutória, são expostas as opções e critérios relativos à transcrição do texto, possibilitando assim uma visão da disparidade – e unidade – das duas edições elaboradas. De facto, a edição modernizadora permite um mais fácil acesso e explicação das particularidades lexicais e sintácticas da obra, possibilitando uma visão mais clara do património linguístico-literário da época em questão e do seu eventual contributo para as actuais configurações da língua e da literatura portuguesas. Para além disso e ainda de acordo com o público inicialmente definido como alvo, o cotejo das duas edições poderá contribuir para uma consciência, ainda que empírica, da evolução e continuidade da língua portuguesa, assinalando recorrências e similaridades lexicais, semântico-sintácticas ou mesmo ortográficas; do mesmo modo, a edição modernizadora facilitará a abordagem do texto enquanto objecto literário, nomeadamente para aqueles que, entre esse público

No que se refere portanto à edição modernizadora, poderão assinalar-se, a título de exemplo e para além de casos particulares, critérios como os seguintes:

(i) Foram eliminadas as vogais geminadas e as consoantes duplas; a distribuição de *h* e de *ç / c*, bem assim como *u / v* e *i / j* foi feita de acordo com as normas actuais.

(ii) A nasalidade foi apresentada segundo as normas actuais, sendo efectuada a distinção, interpretativa, entre pretérito perfeito e futuro do indicativo.

(iii) As abreviaturas foram desenvolvidas, sem qualquer indicação. As letras sobrescritas não foram igualmente alvo de indicação especial.

(iv) O sinal tironiano correspondente à copulativa *e* é transcrito por este grafema.

(v) A utilização das maiúsculas e da indicação de parágrafo é adaptada na generalidade à norma actual.

(vi) Foram introduzidos acentos segundo a norma actual.

(vii) Os indicadores de pausa do original deram origem a pontuação, interpretativa, segundo a norma actual.

- (viii) A separação e ligação de palavras foi feita de acordo com a norma actual.
- (ix) As mudanças de fólho não são indicadas.
- (x) As letras ou palavras acrescentadas não são referidas.
- (xi) As letras ou palavras corrigidas não são referidas.

Quanto ao glossário, por se ligar mais estritamente à edição conservadora pelo desiderato de tratamento do léxico da época, preferimos elaborá-lo unicamente em relação a esta, remetendo embora, quando o julgámos necessário, para as opções tomadas na edição modernizadora.

Finalmente, no que respeita às notas explicativas, remetendo eventualmente e como se explicitou para a edição efectuada em paralelo, o critério seguido foi o de agregar à edição de tipo conservador as observações relativas a questões de transcrição do texto. A edição de tipo modernizador consigna sobretudo especificações léxico-semânticas de vocábulos arcaicos ou de significação arcaica, bem como as de segmentos discursivos cuja significação se reporte a retóricas específicas do género ou da literatura da época, bem como as que funcionem como marcadores de universos de discurso. A título de exemplo, assinale-se ocorrências como *prantei-a*, *menencoria*, *esforço*, *acabado*, *falecer*, *agravar*, *detença*, ou expressões como *apartado de si / nenhuma natureza havia por sua / alargava seu requerimento / antes queria morrer calando-as, que dizendo-as desabafar*.

Uma edição como a que apresentamos cumpre assim objectivos cumulativamente prioritários, para além do de possibilitar que um público mais alargado tenha acesso a obras essenciais para um conhecimento global da Literatura e Língua portuguesas. De facto, para além da elaboração, essencial, de um glossário que possibilite a exploração da língua do documento e a sua análise linguística, o tratamento do vocabulário insere-se numa perspetivação do discurso em que se insere, explorando os seus usos em contexto e no co-texto; deste modo, torna-se possível uma visão mais global do léxico de acordo com o período da língua a que se reporta o texto – e com as conformações sócio-culturais e estéticas que, indubitavelmente, conformam esse mesmo período e o tipo de discurso em questão.

Esta edição, bem como a apresentação aqui sumariamente desenvolvida, cumprem ainda um outro objectivo, este de âmbito seguramente mais abarcante. Assim, não queremos deixar de assinalar a importância que a edição de textos literários assume no conhecimento da história da língua e da história da literatura, quer como *corpus* de análise para o conhecimento da língua em estados mais afastados no tempo, quer ainda para o estabelecimento de inevitáveis conexões entre a língua e os usos que dela são feitos – ou, talvez com mais exactidão, entre a língua e os usos que a conformam. Indissociáveis nesta perspectiva, história da língua e história da literatura exemplificam uma inegável conexão entre estudos linguísticos e literários, entre semântica e análise do discurso.

Bibliografia

- Fonseca, J., (2000) "O discurso da Carta de Guia de Casados" in Revista da Faculdade de Letras do Porto, II Série, Vol. XVII, Universidade do Porto, pp. 9-135.
- Lago, Maria Paula, (1997) *Naceo e Amperidónia: estatuto da novela sentimental do século XVI*, Braga-Coimbra, Angelus Novus.
- Hamesse, J. (ed.) (1992), *Les problèmes posés par l'édition des textes anciens et médiévaux*, Louvain-La-Neuve, Pub. de l'Institut d'Études Médiévales.
- Roncaglia, Aurelio, (1974/75) *Principi e Applicazioni di Critica Testuale*, Roma, Bulzoni Editore.
- Stegagno Picchio, Luciana, (1979) "À margem da edição de textos antigos portugueses" in *A Lição do Texto. Filologia e Literatura. Idade Média*, (trad. A. Pimenta), Lisboa, Edições 70, pp. 239 - 257.